



O lutador – a vida sem álibi

Sandra Mara Moraes Lima

Universidade Estadual do Espírito Santo, Av. Fernando Ferrari, 514, 29075-910, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: sandralima605@gmail.com

RESUMO. O trabalho apresenta uma leitura do poema *O lutador*, de Carlos Drummond de Andrade, tendo como fundamento teórico a filosofia bakhtiniana, mais especificamente a obra *Para uma filosofia do ato* em que Bakhtin faz uma abordagem acerca da linguagem numa perspectiva fenomenológica. Nessa concepção, também abordamos ainda algumas considerações de Heidegger no que diz respeito à essência da linguagem. Procuramos demonstrar que a luta de que fala o poeta trata-se de uma luta ontológica travada pelo ser que se constitui em linguagem. Para Bakhtin, é no momento do ato discursivo que se organiza a realidade, que se dá a experiência do sujeito de se realizar no mundo. É a capacidade inexorável, sem álibi, de dar contornos, fronteiras, ao real, numa tentativa infinda, uma vez que a organização total jamais se concretiza. É nessa empreitada de organização que o ser atravessa o mundo e, ao mesmo tempo, é por ele atravessado, facultando a existência do ser. Essa luta incessante, quase sempre fracassada, é imperiosa, uma vez que nos dá existência. Por isso, não temos álibi e, ainda que seja em vão lutar, mesmo que o fim da batalha nunca se faça, lutamos, mal rompe a manhã.

Palavras-chave: linguagem, ato discursivo, luta.

Life without an alibi

ABSTRACT. A reading of the poem *O Lutador* by Carlos Drummond de Andrade is given using Bakhtinian philosophy as a theoretical approach, expressed especially in Bakhtin's *For a Philosophy of the Act* where an approach to language from a phenomenological perspective is provided. Further, some considerations on Heidegger's essence of the language are discussed. The text demonstrates that the struggle Drummond is defining is an ontological one, fought by humans that constitute themselves by language. According to Bakhtin, reality is organized and the experience of the subject to be fulfilled in the world occurs at the moment of the discursive act. It is the inexorable capacity, without an alibi, to create contours and frontiers of reality, in an endless attempt, since total organization never totally materializes. It is in this organizational task that the human being crosses the world and, at the same time, is trespassed by it, enabling the existence of the being. This incessant fight, almost always a failure, is imperative since it gives us existence. Alibi does not exist and, although struggles are useless, the end of the battle never occurs. The struggle is still on as dawn breaks.

Keywords: language, discursive act, struggle.

Introdução

O Lutador, poema de Drummond (1983), nos traz a experiência do ser na linguagem, ou seja, a experiência de ser naquilo que é a essência da existência de ser. No entanto, a representação desse processo de se fazer na linguagem, ser nela, é um projeto irrealizável, uma vez que, segundo Heidegger (2003), há uma recusa natural da linguagem para os nossos hábitos de representação. Isso significa dizer que o conhecimento sistematizado coloca sempre o real como objeto, coisificando-o, e a experiência com a essência da linguagem foge a essa coisificação, é da ordem do extraordinário. A essência da linguagem se dá num processo movediço, se dá na existência, manifesta-se no ser, ou seja, a linguagem só pode ser compreendida numa experiência concreta com ela, na

travessia, no processo, uma vez que ela perfaz o que somos. Por isso, para acessar sua essência, não é possível tomá-la como objeto. Tal como afirma, acerca do real, Riobaldo, o narrador de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa: “[...] não está na saída nem na chegada: ele se dispõe [...] é no meio da travessia” (GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 60), o que configura o real como aquilo que se dá e não como aquilo que é. Ele vai sendo à medida que se atravessa o mundo (possível somente na linguagem) e acessar e organizar completamente esse real é uma luta vã, mas absolutamente inevitável, sem álibi, para o ser que habita as palavras.

Nessa linha, perseguimos uma leitura do poema de Carlos Drummond de Andrade, tendo como fundamento teórico a filosofia bakhtiniana, mais

especificamente a obra *Para uma filosofia do ato*, em que Bakhtin (BAJTIN, 1987) faz uma abordagem acerca da linguagem numa perspectiva fenomenológica. Ainda nesse contexto, lançamos mão de alguns aspectos¹ do pensamento de Heidegger (2003) acerca da essência da linguagem tratada no livro *A caminho da linguagem*, por considerar esse pensamento compatível ao que é proposto pelo Círculo bakhtiniano.

Abordamos, assim, os conceitos bakhtinianos, tais como, ser/evento, enunciado concreto, arquitetônica, ato, explicitados na obra *Para uma filosofia do ato ético* (BAJTIN, 1997), considerando o percurso de Bakhtin numa perspectiva fenomenológica semelhante ao caminho percorrido por Heidegger na obra *A caminho da linguagem* (2003). Bakhtin (BAJTIN, 1997) tenta superar a cisão entre objetivismo e subjetivismo, preconizando que, caso se conceba separadamente, o Ser já não caberá numa verdade considerada autônoma e isolada, porque essa verdade não abarcará a totalidade do ser. Assim, tomando o princípio da responsividade responsável, a verdade só pode existir na condição de estar atrelada ao ser-evento, o que significa conceber o ser necessariamente vinculado à linguagem, no ser/estar/fazer no mundo, pois a consciência funda o sentido no ato que ancora em si, de forma irrevogavelmente vinculada, o conteúdo sentido numa atitude responsiva/responsável. Para Bakhtin, é essa instância do pensamento participativo que procura superar a cisão entre o conteúdo interior sentido e o ato criação, ou seja, a verdade se faz na escolha viva da ação, do ato. Todas as tentativas de acessar o ser-evento, partindo de uma instância teórica, de uma pressuposição fragmentada do ato cognitivo, serão sempre fracassadas. Partindo desses conceitos, analisamos o poema de Drummond como um ato discursivo que comporta uma arquitetura em que há um amálgama dos elementos composicionais, tendo como referência primordial o tom emocional-volitivo que caracteriza a assunção de um lugar, uma assinatura, e revela a posição do poeta como o ser de linguagem e que, portanto, tem com a palavra, a linguagem, uma relação movediça, imprecisa, de quem se faz no momento mesmo do ato discursivo sem *a priori* num processo infindo, pois “Nem a experiência poética com a palavra e nem a

experiência pensante com o dizer trazem para a linguagem a linguagem em sua essência” (HEIDEGGER, 2003, p. 144).

O ato de lutar, de ser no evento de maneira incessante, infinda e irrevogável

Para Bakhtin, é no momento do ato discursivo que se organiza o mundo. É no ato que se dá a experiência do sujeito de se realizar no mundo, construir uma realidade, experiência possível apenas com a linguagem. É a capacidade inexorável, sem álibi, de dar contornos, fronteiras, àquilo que não foi ainda nomeado numa tentativa infinda, pois a organização total jamais se realiza. É nessa empreitada de organização que o ser atravessa o mundo e, ao mesmo tempo, é por ele atravessado. É o que dá existência ao ser. Essa luta incessante, quase sempre fracassada, é imperiosa, pois é ela que nos permite existir, e por isso, sem álibi², mesmo que seja em vão lutar com palavras, mesmo que o fim da batalha nunca se faça, lutamos, mal rompe a manhã e nela prosseguimos nas ruas do sono.

A linguagem é vital, é estratégia de sobrevivência, se dá a partir de nossa busca pelo sentido do mundo, do que experimentamos ao situar limites, fronteiras, ao atravessar o mundo. É o que nos leva a lutar incessantemente nos dando existência e sustento na concretização de ser.

Esse fenômeno de dar existência ocorre no ato discursivo que implica uma responsividade responsável que realiza o ser e o mundo num determinado evento num processo eternamente inacabado, inconcluso, infindo. Tal resposta, veiculada num enunciado concreto, comporta necessariamente, sem álibi, uma assinatura, uma autoria que revela uma singularidade, uma maneira única, irrepetível, de colocar-se.

A responsabilidade do ato realizado detém uma unidade em que se encontram coadunados, inseparáveis, todos seus momentos constituintes, o conteúdo-sentido, sua expressão material e seu tom emocional-volitivo. O ato realizado tem, portanto, um único plano e um único princípio que comporta todos os momentos no interior de sua respondibilidade e responsabilidade. Isso significa dizer que o enunciado concreto possui uma arquitetura cuja estrutura comporta necessariamente e indissociavelmente um tom que caracteriza a resposta, a posição, a assinatura.

Em se tratando do poema de Drummond, sobre o qual nos debruçamos nesse momento, importa

¹ Aqui tomamos o pensamento de Heidegger nas abordagens que faz sobre a linguagem concebendo-a como ser e não como ente, considerando que linguagem e ser são da mesma natureza, diferente do ente que pode ser reificado, tomado como objeto. Embora a concepção do que é o Ser seja a base do pensamento de Heidegger, seguimos, nesse trabalho, suas considerações feitas na obra *A caminho da linguagem*, sobretudo no capítulo ‘A essência da linguagem’ em que o filósofo tenta desconstruir o senso comum para propor uma visão da linguagem a partir da experiência, considerando que a linguagem não é representação da coisa, ela é constitutiva da coisa, é o lugar do ser.

² De acordo com a perspectiva bakhtiniana, estar na linguagem implica irrevogavelmente assumir um lugar responsivo e responsável, marcando uma assinatura, uma autoria, num processo sem álibi, isto é, o ser de linguagem é convocado, sem outra possibilidade, a dar respostas num processo interacional, dialógico.

considerar que na perspectiva bakhtiniana o enunciado concreto comporta uma arquitetônica que inclui incondicionalmente acabamento, conteúdo temático, unidade temática, forma composicional, estilo, intencionalidade, entonação expressiva, autor, destinatário e aponta necessariamente para uma dimensão extraverbal na medida em que inclui os modos e as esferas de produção e circulação, os fatores sócio-históricos, bem como os valores aí constituídos. Nessa perspectiva, a análise deve ter em vista os aspectos linguísticos-enunciativos-discursivos numa totalidade. Nessa concepção, como já mencionado, os elementos que compõem o enunciado encontram-se completamente associados, costurados um ao outro num amálgama que resulta do posicionamento, da resposta dada pelo sujeito.

Ao nos depararmos com o poema de Drummond, são quase desanimadores os desafios de situar os elementos que o poeta lança em sua luta na resposta dada como um ser consciente de que é na linguagem. Entretanto, tal como o poeta, não há como não enfrentar, não há álibi. E nesse sentido, buscamos alguns recursos que parecem apontar para o que, acreditamos, trata o poema, a essência da linguagem.

Assim, num primeiro olhar, notamos um ritmo que aponta para o tom emocional-volitivo do eu-lírico, marcando a posição de quem se coloca na luta. O poema é composto por seis estrofes, contendo a primeira 22 versos, a segunda 15, a terceira 13, a quarta dez, a quinta 20 e a sexta 13, o que parece sugerir movimentos no embate. A luta é marcada também por uma cadência em versos pentassílabos ou redondilha menor com acentos na segunda e quinta sílaba, seguindo um ritmo que ora indica o ímpeto da luta ora a constatação de sua ineficácia.

Podemos situar ainda o tom apreciativo do enunciatador assumindo a posição daquele que, sem ilusão, sem otimismo - marca de uma assinatura drummoniana - obedece a um imperativo, reconhecendo-se, em alguns momentos, menor que o fenômeno: 'São muitas, eu pouco./Algumas tão fortes como o Javali'. Há um pronunciamento denunciando a perspectiva concebida pelo enunciado, revelando que a linguagem ancora uma resposta lúcida, responsável de quem não se considera louco (alheio) e por isso não tem o poder de encantar palavras, mas como sujeito que testemunha, está presente, que comparece no ato responsável de apanhar palavras para o sustento de um dia de vida. E aqui, apanhar palavras para o sustento nos remete à condição ontológica do ser e não apenas ao ofício do poeta/escritor. É a condição do ser de linguagem, cuja sobrevivência só é garantida na interação discursiva, na lida da vida que

se caracteriza por um movimento incessante, que não se finda. O processo é temporário, talvez possamos dizer precário, em que o domínio da linguagem é sempre movediço, as palavras

Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça (DRUMMOND DE ANDRADE,
1983, p. 172)³.

O lutador se vê fracassado, refém do poder da linguagem, menor do que ela, sem encontrar armas precisas que lhe garantam a posse definitiva, vitoriosa.

Entretanto não se entrega, insiste numa estratégia de rendição, como escravo, dobrado ao poder das palavras:

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto (p. 173).

O poeta se mostra entregue, postura de quem está numa escuta sem revolta, sem rebeldia. Não exatamente questionamento, mas, talvez, consentimento, o que parece remeter a consciência de que o ser de linguagem, não é aquele que possui a linguagem, mas ao contrário, o ser pertence a ela.

As palavras passam indiferentes, não têm carne nem sangue e a luta parece infrutífera:

Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto (p. 173).

A experiência poética com a linguagem, segundo Heidegger, acena para a dimensão da linguagem que não é do âmbito do ente, da coisa, ou seja, não pertence às coisas existentes, não tem carne. Isso significa que a natureza da linguagem (mesma natureza do ser) difere da natureza dos entes, daquilo que é, do que constitui as coisas existentes.

"Quando o pensamento procura pensar a palavra poética, mostra-se que a palavra, o dizer, não tem ser" (HEIDEGGER, 2003, p. 150).

³ A partir daqui, as demais citações desse poema não constarão a referência.

Perceber essa realidade imponderável da linguagem vai contra, segundo Heidegger, nossos hábitos de representação e por isso, talvez, o poeta afirme ser a luta infrutífera, uma vez que o caminho percorrido leva a pensar o que se recusa a ser representado como objeto, sai da esfera do que é facilmente apreensível e o saldo final do embate poético com a palavra que não é, mas se dá, parece sem frutos.

No entanto, essa natureza da linguagem e do ser não constitui um vazio, um nada, mas aponta para o que, segundo Heidegger, deve ser pensado, aquilo que motiva o pensamento, revelando que a palavra (linguagem), tanto quanto o ser, não é, mas se dá. A palavra não é, ela se dá. Isso quer dizer que é doadora, ela dá o ser. Contudo, a palavra não é o dado, “[...] ela mesma dá e concede” (HEIDEGGER, 2003, p. 151).

Nesse contexto, podemos listar outros poemas de Drummond concebidos na mesma temática da metalinguagem, sobretudo, *Procura da Poesia* (1983) e *Considerações do Poema* (1994), em que se pode ver evidenciado, entre outras questões, esse caráter das palavras não como dado, mas como possibilidade de conceder, de dar-se no ser, de vigorar:

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio
(DRUMMOND DE ANDRADE, 1983, p. 176).

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis
(DRUMMOND DE ANDRADE, 1994, p. 9).

Pode-se perceber claramente nos fragmentos dos poemas acima a posição do poeta assumindo o lugar daquele que, no jogo poético, se entrega, consente, ‘penetra surdamente’, porque percebe que a própria essência se encontra na essência da palavra: ‘Rimarei com a palavra carne/ ou qualquer outra, que todas me convêm’. Percebe que ser e linguagem coexistem e que o fazer poético não é representação – ou pelo menos não pretende ser – é experiência pensante que concebe que palavra e

coisa nascem na relação, no jogo, no embate, ‘As palavras não nascem amarradas’, nascem no ato mesmo de dizer.

Para Heidegger, toda essa imponderabilidade ou invisibilidade caracterizada pelo se dar da palavra, pelo processo do aparecer, é desprovida de medida, cuja percepção talvez seja facultada pela experiência poética, uma vez que o poeta aprendeu a renunciar sem, no entanto, nada perder. Ele tem acesso àquilo ao que se dá, mas não é. Todavia, segundo Heidegger, o tesouro escapa, pois a palavra lhe é recusada, tal como expressa o poema de Drummond, elas deslizam, viram o rosto.

Porém, isso não significa que a palavra se dissolva no nada, ela não se rebaixa à impossibilidade de dizer e o poeta dela não se priva, ao contrário, persegue a saga do dizer. É o que se constata na estrofe seguinte:

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tortura (p. 173).

O tom é de quem aceita a peleja, permanece o consentimento de quem se coloca na luta com o desejo da não indiferença. Quer o desafio para que, aceitando o combate, a posse se faça numa luta que transcenda unhas e dentes, sugerindo que a linguagem é mesmo de outro âmbito, semelhante ao amor de uma posse impura que pode resultar no gozo da tortura.

Em outros termos, lutar com palavras é da ordem do imponderável, do paradoxal e do caos. É lutar com o inefável, com o inimigo que deve se revelar na luta, no ato mesmo em que se dispõe a lutar.

E colocando o corpo na luta, não há nisso frutos palpáveis, pois que na busca pela posse da palavra não há o quê, não há veste, formas, e o inimigo é fluido, flutuante, é sempre a *posteriori*. Não há um pré, é sempre no momento mesmo do ato que a luta se consuma e a vitória, aquilo que se almeja, que existiu enquanto potência, se realiza, revelando outras faces.

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.

Não encontro vestes,
 não seguro formas,
 é fluido inimigo
 que me dobra os músculos
 e ri-se das normas
 da boa peleja (p. 173, 174).

E revelando que a entrega da linguagem ao ser nunca se consuma integralmente, há sempre algo que escapa – como diz Heidegger, a joia lhe escapa – evapora no instante em que o ato se faz, há sempre uma busca que não se finda, algo eternamente inalcançável. Isso por que todas as tentativas de acessar o ser e sua essência, portanto linguagem, partindo de uma instância *a priori*, ou teórica, de uma pressuposição fragmentada do ato cognitivo, serão sempre fracassadas, pois como afirma Bakhtin: “[...] o mundo conhecido teoricamente não pode abrir-se de dentro da própria cognição ao mundo único real” (BAJTIN, 1997, p. 20, tradução nossa)⁴. Somente do ato executado é que há um caminho para o seu conteúdo sentido, uma vez que o ato é efetivado no ser que se modifica no processo e aí já se tem outra perspectiva, outro ser, outra busca num movimento incessantemente inacabado. Como já mencionado, para Heidegger, há uma negação inerente à essência da linguagem, para nossos hábitos de representação.

Ainda que pareça, algumas vezes, haver consumação da entrega e haja sensação de captação de sua essência, o processo não se finda, pois que no instante seguinte, o momento outro, tudo já se evaporou, se dissolveu e a luta novamente se instala.

Iludo-me às vezes,
 pressinto que a entrega
 se consumará.
 Já vejo palavras
 em coro submisso,
 esta me ofertando
 seu velho calor,
 aquela sua glória
 feita de mistério,
 outra seu desdém,
 outra seu ciúme,
 e um sapiente amor
 me ensina a fruir
 de cada palavra
 a essência captada,
 o sutil queixume.
 Mas aí! é o instante
 de entreabrir os olhos:
 entre beijo e boca,
 tudo se evapora (p. 174).

Isso porque nenhuma atividade humana, seja a Estética, as ciências ou filosofias, consegue dar conta do ser enquanto um ser-evento, ou seja, enquanto

um ser que está sempre em processo, ser do devir. O ato histórico, único, embora seja uma unidade ‘real’, esteja em comunhão com o ser e seja um participante ativo na eventicidade do ser, ainda assim, visto na perspectiva teórica, não tem acesso pleno ao conteúdo sentido. Há sempre um fracasso em tentar ‘representar’, ‘realizar’ o real, pois, segundo Bakhtin, há uma cisão entre o conteúdo sentido e a realidade histórica do seu ser real, isto é, uma cisão entre o conteúdo interior e sua ‘representação’, seja na arte, na ciência ou na filosofia.

[...] dois mundos se opõem um ao outro, mundos que não se comunicam entre si, mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida. Este último é o único mundo em que criamos, conhecemos, contemplamos, vivemos e morremos. O primeiro é o mundo no qual o ato de nossa atividade é objetivado; o segundo é o mundo em que este ato realmente se realiza de modo único e irrepitível (BAJTIN, 1997, p. 8, tradução nossa)⁵⁶.

Essa cisão ocorre porque a tentativa de realização é eternamente tentativa, pois, como Bakhtin afirma, são mundos impenetráveis. Toda criação, seja no campo teórico discursivo das ciências ou das artes, é sempre uma realidade outra, paralela àquela que a motivou, é de outra dimensão.

No entanto, para Bakhtin, o ponto capaz de refletir essas dimensões encontra-se no princípio da responsabilidade/responsabilidade, isto é, o ato deve exprimir tanto a responsabilidade pelo seu conteúdo quanto pelo seu ser. É como se no ato houvesse uma resposta única, irrepitível do ser que se coloca; e esse colocar-se traz em comunhão essa dupla realidade. “É a única maneira como poderia ser superada a incompatibilidade e a impermeabilidade recíproca perniciosa entre a cultura e a vida” (BAJTIN, 1997, p. 8)⁷. O ato, o passo dado, a escolha, a ação, o colocar-se no mundo, nessa perspectiva bakhtiniana, traz em si, de modo indivisível, o momento do conteúdo-sentido e o momento histórico individual.

Voltando ao poema:

O ciclo do dia
 ora se conclui
 e o inútil duelo
 jamais se resolve (p. 174).

⁵ Todas as demais citações dessa tradução de Bubnova são traduções nossas para o português.

⁶ [...] dos mundos se oponen el uno al otro, mundos incomunicados entre si y mutuamente impenetrables: el mundo de la cultura y el mundo de la vida. Este último es el único mundo en el que creamos, conocemos, contemplamos, hemos vivido y morimos. El primero es el mundo en el cual el acto de nuestra actividad se vuelve objetivo; el segundo es el mundo en el que este acto realmente transcurre y se cumple por única vez (BAJTIN, 1997, p. 8).

⁷ “Es la única manera como podría ser superada la incompatibilidad y la impermeabilidad recíproca viciosa entre la cultura y la vida” (BAJTIN, 1997, p. 8).

⁴ “[...] el mundo conocido teóricamente no puede abrirse hacia el mundo único real desde el propio conocer.” (BAJTIN, 1997, p. 20).

E então o ciclo do dia se fecha revelando a inutilidade do duelo que jamais se resolve. Há a constatação de que a beleza da palavra de toda a busca é a noite a envolver, não há luz, é treva, alimentada apenas pela paixão, pois que não há pecúlio, há vazio. E, uma vez que as portas se fecham, ou seja, já não há mais possibilidades na vigília, a luta prossegue incessante, infinitamente, em outra instância, outra dimensão, nas ruas do sono.

O teu rosto belo,
ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono (p. 175).

Considerações finais

Heidegger afirma que para entender a essência da linguagem é preciso deixar falar a linguagem da essência, que, em outras palavras, seria o vigor, o que sustem, o que constrói no ato mesmo da construção. É possível dizer que o poeta nesse enunciado faz exatamente isso, lança-se no processo de escuta do que é a essência da linguagem, daquilo que se dá na experiência de ser linguagem. No entanto, não há como chegar a uma instância última, a um objeto que possa ser apreendido, mas antes é entregar-se a ele num consentimento, tomando “[...] a palavra como sendo ela mesma a relação, à medida que cada coisa se atém ao ser e ali se mantém” (HEIDEGGER, 2003, p. 136). Ou seja, a palavra não é ponte, ela é a sustentação do mundo e até mesmo

do eu que enuncia e se denuncia, a linguagem cria o ser. Chegar à essência da linguagem é chegar à essência de si e longo e complexo é o percurso, tal como demonstra o filósofo, longo é o caminho que nos leva ao que nos é mais próximo. Há que se ter assim a compreensão de uma insuficiência inerente à natureza mesma da linguagem em registrar o real verdadeiro, em consumir a realidade. É uma luta vã, mas inevitável, inexorável, sem ‘álibi’, lutamos mal rompe a manhã.

Referências

- BAJTIN, M. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los borradores: y otros escritos. 1. ed. Traducción del ruso de Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997.
- DRUMMOND DE ANDRADE, C. **Antología poética**. 17. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1983.
- DRUMMOND DE ANDRADE C. **A rosa do povo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Tradução de Marcia Sá C. Schuback. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

Received on June 13, 2013.

Accepted on March 6, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.